



UNIVERSIDADE  
CANDIDO  
MENDES

GABARITO

Nome: \_\_\_\_\_

DIURNO

Curso: \_\_\_\_\_

Matrícula: \_\_\_\_\_ Período: \_\_\_\_\_

PROVA TIPO 2

Sala: \_\_\_\_\_

LIVRO: HOLOCAUSTO BRASILEIRO (Daniela Arbex)

**ATENÇÃO!!!! MARQUE O TIPO DE PROVA NO CARTÃO!!!!**

1. Embora fique claro, durante o livro, a convivência dos mais diversos setores na tragédia do Colônia, é possível identificar aqueles que não se omitiram e lutaram, heroicamente, por mudanças. Quem foram esses heróis que iniciaram a luta antimanicomial no Brasil?

- a) As primeiras denúncias realizadas pela classe médica resultaram em mudanças de paradigma em relação à forma de se tratar os pacientes dos hospitais psiquiátricos no Brasil.
- b) O Governo de Minas Gerais, em 1984, com o movimento das “Diretas Já”.
- c) Ex-enfermeiros do Colônia.
- d) Um sólido grupo, composto por professores do município de Barbacena, foi o responsável pelas primeiras mudanças nas diretrizes do tratamento psiquiátrico no Brasil.
- e) As denúncias que iniciaram a luta antimanicomial no Brasil foram feitas por um grupo de freiras do convento Helena Guerra, localizado no Estado de Minas Gerais, liderado pela irmã Mercês.

**Gabarito: letra A**

O psiquiatra italiano Franco Basaglia foi o grande inspirador do movimento antimanicomial no Brasil. No início da década de 1980, jovens médicos que chegaram ao Colônia “[...] passaram a se reunir para discutir critérios de internação e mudanças de paradigma em relação à forma de se tratar o doente” (ARBEX, 2013, p. 214).

2. A Organização das Nações Unidas (ONU), em 1948, aprovou a Convenção para a Prevenção e Repressão do Crime de Genocídio. Em seu artigo 2º, encontra-se o seguinte:

Na presente Convenção, entende-se por genocídio os atos abaixo indicados, cometidos com a intenção de destruir, no todo ou em parte, um grupo nacional, étnico, racial ou religioso, tais como:

- I. Assassinato de membros do grupo;
- II. Atentado grave à integridade física e mental de membros do grupo;
- III. Submissão deliberada do grupo a condições de existência que acarretarão a sua destruição física, total ou parcial;
- IV. Medidas destinadas a impedir os nascimentos no seio do grupo;
- V. Transferência forçada das crianças do grupo para outro grupo.

Tendo em vista a narrativa de Daniela Arbex, foram praticados em Colônia:

- a) nenhum dos atos elencados pela Convenção, pois não houve prática de crimes;
- b) nenhum dos atos elencados pela Convenção, pois apenas pacientes (e não funcionários) agiam de forma delituosa;
- c) apenas um dos atos elencados pela Convenção;
- d) dois dos atos elencados pela Convenção;
- e) três ou mais atos elencados pela Convenção.

### **Gabarito: letra E**

O ato descrito no inciso II foi vivido por Maria Cláudia e José Machado (Machadinho) no Capítulo V (“Os meninos de Oliveira”). O ato descrito em III foi experimentado por Silvio Savat e outros no Capítulo VI (“A mãe dos meninos de Barbacena”). O ato descrito em IV foi cruelmente vivido por Geralda Siqueira Santiago Pereira, conforme se aduz do Capítulo IX (“Encontro, desencontro, reencontro”). Por fim, o ato descrito em V é textualmente descrito em “Pelo menos três dezenas de bebês nascidos no Colônia foram doados logo após o nascimento sem que suas mães biológicas tivessem a chance de niná-los (ARBEX, 2013, p. 122).

### 3. Leia o texto a seguir:

Jean-Paul Sartre (1905 – 1980) escreveu *O ser e o nada*, sua principal obra filosófica, em 1943. Seu pensamento é muito conhecido e gerou, inclusive, uma “moda existencialista”, também pelo fato de ter se tornado famoso romancista e teatrólogo. Sua produção intelectual é fortemente marcada pela Segunda Guerra Mundial e pela ocupação nazista na França. [...]

Para entendermos melhor essa concepção, é preciso começarmos pela análise de uma frase fundamental do existencialismo sartreano: “a existência precede a essência”. Ora, segundo as concepções tradicionais, o ser humano possui uma essência, uma natureza humana universal, da mesma forma que todas as coisas têm essência. Por exemplo, a essência de uma mesa é o ser mesa e não cadeira. Não importa que a mesa seja de madeira, fórmica ou vidro, que seja grande ou pequena, mas que tenha as características que nos permitam usá-la como mesa.

Não é essa, no entanto, a posição de Sartre, para quem, ao contrário das coisas e animais, no ser humano a existência precede a essência, e isso “significa que o homem primeiramente existe, se descobre, surge no mundo; e que só depois se define. O homem, tal como o concebe o existencialista, se não é definível, é porque primeiramente não é nada. Só depois será alguma coisa e tal como a si próprio se fizer. [...] O homem é, não apenas como ele se concebe, mas como ele quer que seja, como ele se concebe depois da existência, como ele se deseja após este impulso para a existência; o homem não é mais que o que ele faz. Tal é o primeiro princípio do existencialismo”.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *Filosofando: introdução à filosofia*. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2003. p. 357 – 358.

Tomando por base os pressupostos do existencialismo presentes no texto acima, é INCORRETO afirmar sobre Holocausto Brasileiro que:

- a) o Hospício de Colônia só levava em conta a essência do ser humano no momento de sua morte, quando se dedicava um enterro minimamente digno aos defuntos;
- b) primeiro a existência, depois a essência; sendo assim, primeiro havia pacientes que eram destituídos de traços mínimos de individualidade (como se deixassem mesmo de existir); depois, a essência, a concepção de que não ser nada mais;
- c) o Hospício de Colônia, ao ignorar o princípio constitucional da dignidade da pessoa humana, feria a própria existência daqueles seres humanos, afinal “quem existe, é (ou deveria ser) alguém para o mundo do Direito”;
- d) em Colônia, o comércio de corpos, de ossos, de órgãos desvela um processo de desumanização do ser humano, afinal não há uma essência humana básica, por assim dizer; há lucro em potencial (objetificação do ser humano);
- e) se, por um lado, para Sartre “o homem está condenado a ser livre”, por outro lado, é possível identificar mecanismos em Colônia que privavam os pacientes de sua liberdade.

**Gabarito: letra A**

A descrição do Cemitério pode ser encontrada às páginas 64 – 67. A autora chega a afirmar que “Enterradas em covas rasas, as vítimas de tratamento cruel não alcançaram respeito nem na morte” (ARBEX, 2013, p. 65).

4. Com relação aos motivos que levaram a repórter Daniela Arbex a escrever o livro “Holocausto Brasileiro”, avalie o acerto das afirmações a seguir e marque V para as verdadeiras e F para as falsas:

- ( ) Divulgar o único genocídio praticado no século XX.
- ( ) Denunciar, por meio de relatos biográficos, o extermínio em massa de milhares de pacientes do Hospital Colônia de Barbacena.
- ( ) Esclarecer sobre um genocídio cometido em uma instituição psiquiátrica pelo Estado brasileiro, com a conivência de médicos, funcionários e da sociedade.
- ( ) Criminalizar todos os envolvidos no genocídio.
- ( ) Mostrar que os acontecimentos foram um acidente.

Marque a opção que contenha a sequência CORRETA, de cima para baixo:

- a) V, V, V, F, F
- b) F, V, V, V, F
- c) F, F, F, V, V
- d) V, F, V, F, F
- e) F, V, V, F, F

**Gabarito: letra E**

Falso. Além do genocídio praticado no Hospital Colônia, houve o genocídio de cerca de seis milhões de judeus, perpetrado pelos nazistas, durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

Verdadeiro. Por meio dos relatos biográficos de ex-internos, ex-funcionários e moradores da cidade de Barbacena, Arbex (2013) denunciou o genocídio de 60 mil pacientes no maior hospício do Brasil.

Verdadeiro. No Prefácio da obra tal fato está claro: “Ao expor a anatomia do sistema, a repórter ilumina um genocídio cometido, sistematicamente, pelo Estado brasileiro, com a conivência de médicos, de funcionários e também da sociedade” (ARBEX, 2013, p. 15).

Falso. A intenção de Arbex (2013), desde o início, foi de recuperar a memória individual e coletiva dos personagens envolvidos na história, já que os responsáveis pela tragédia não podem ser punidos.

Falso. De acordo com uma das testemunhas, o fotógrafo Luiz Alfredo: “Aquilo não é um acidente, mas um assassinato em massa” (ARBEX, 2013, p. 16).

5. A investigação da repórter Daniela Arbex revelou que, até o início da década de 1980, 1.853 corpos de pacientes mortos foram vendidos para dezessete faculdades de medicina do país. Assinale o item que constitui EXCEÇÃO ao que se poderia atribuir como causa das mortes em massa no hospital psiquiátrico Colônia:

- a) Fome.
- b) Frio.
- c) Excesso de medicamentos.
- d) Maus-tratos variados.
- e) Diarreia.

### **Gabarito: letra C**

Os medicamentos eram dados quando os doentes apresentavam algum tipo de alteração. No caso de epilepsia, uma injeção era aplicada para que eles se acalmassem. Entretanto, de acordo com Arbex (2013), não houve relato de mortes causadas por excesso de medicamentos. Os demais itens aparecem em: “Os pacientes do Colônia morriam de frio, de fome, de doença. Morriam também de choque” (p. 14) e “Milhares de atestados de óbito exibem o termo “enterite do alienado”, criado para tentar explicar a morte em massa por diarreia aguda” (ARBEX, 2013, p. 217).

6. Em referência ao Dia da Mulher, que ocorreu no dia 8 de março, a Secretaria de Políticas Para Mulheres de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, divulgou uma exposição de fotos que aborda letras de músicas famosas machistas e que incitam a violência doméstica, a cultura do estupro e o feminicídio.

Observe atentamente uma dessas fotos:



"Eu só sei que a mulher que engana o homem merece ser presa na colônia, orelha cortada, cabeça raspada, carregando pedra para passar vergonha"  
(Bezerra da Silva).

Fonte: <goo.gl/4HQacy>. Acesso em: 16 abr. 2018.

A imagem acima apresenta um trecho da música "Piranha" (1979), do sambista Bezerra da Silva. Trata-se de um pensamento machista recorrente da época, mas que ainda hoje persiste, por vezes de forma camuflada. Com base nas narrativas apresentadas no livro “Holocausto Brasileiro”, pode-se afirmar que as mulheres sofriam preconceito? Fundamente sua resposta com trechos da obra.

### **Gabarito:**

O preconceito, menosprezo e discriminação em relação à condição de mulher era visível no Colônia, a começar pelo motivo pelo qual as mulheres eram internadas no hospício.

Espera-se que o aluno indique trechos como: “Muitas ignoradas eram filhas de fazendeiros as quais haviam perdido a virgindade ou adotavam comportamento considerado inadequado para um Brasil, à época, dominado por coronéis e latifundiários. Esposas trocadas por amantes acabavam silenciadas pela internação no Colônia” (p. 27) e “[...] a adolescente estava na cozinha [...]. O homem apareceu na escada, batendo a porta. Ela se encolheu. Puxada pelos cabelos, foi jogada sobre a mesa. Deitado por cima dela, o patrão a estupro. Machucada, Geralda sentiu dor na alma. Pela primeira vez na vida, desejou a morte” (p. 129). No Colônia, nem a gravidez da mulher era respeitada: “Pelo menos trinta bebês foram roubados de suas mães. As pacientes

conseguiam proteger sua gravidez passando fezes sobre a barriga para não serem tocadas. Mas, logo depois do parto, os bebês eram tirados de seus braços e doados” (ARBEX, 2013, p. 14).

Com base em trechos da obra, era importante que o aluno reconhecesse que o sistema condicionava as mulheres a uma posição inferior tanto em relação aos coronéis e latifundiários quanto aos que detinham o poder no Colônia.

7. Se fizéssemos um retrospecto histórico, perceberíamos que a loucura é uma espécie de “limbo” da experiência humana na Terra. Ora, limbo é “condição do que está indefinido ou esquecido” (AULETE, 2018). No fim das contas, a verdade é que o homem nunca soube, ao certo, lidar com o tema (e o problema) da loucura.

A temática já foi bastante explorada pela literatura. No início do século XVI, Erasmo de Roterdã publicava “Elogio da Loucura”, abrindo espaço para questionamentos da Reforma Protestante. Ao final do mesmo século, Shakespeare utilizaria do “artifício da loucura” em obras como Hamlet e Macbeth para colocar o dedo em feridas abertas. Afinal, o louco assim permite porque, no imaginário popular, nunca se sabe se há alguma racionalidade naquilo que ele fala. Já em 1882, Machado de Assis também se vale da loucura em O Alienista com o Dr. Simão Bacamarte e o manicômio Casa Verde.

No século XX, Michel Foucault publica “História da Loucura na Idade Clássica”. A partir de uma arqueologia de saberes, Foucault retoma a Idade Média, com a exclusão física e social dos leprosos. Explica como a Idade Moderna define a loucura como contraponto à razão (criado pela própria Razão). Discorre sobre a história do enclausuramento e do asilo. Enfim, trata de como o laço entre razão e desrazão permite a produção de um discurso de saber e de poder.

Tomando a expressão “PODER” pelo sentido que lhe é dado pela Teoria Política, “capacidade ou possibilidade de agir, de produzir efeitos; capacidade do homem em determinar o comportamento do homem” (BOBBIO, 1998, grifo nosso), comente, de 3 a 5 linhas, com base em Daniela Arbex (2013), a frase seguinte: **“Para muito além da loucura, as relações no Colônia eram, antes de tudo, relações de PODER”.**

### **Gabarito:**

Inicialmente, cumpre observar que a questão em comento é do tipo “aberta”, isto é, possui variados caminhos de resposta **CONTANTO QUE** se utilize, de forma coerente, o enunciado da questão em articulação com a obra de Arbex (2013).

É imprescindível que o aluno parta da noção de PODER estabelecida no enunciado, especialmente das acepções de “agir”, “efeitos” e “determinar comportamento”.

Ora, se “cerca de 70% [dos internos] não tinham diagnóstico de doença mental” (ARBEX, 2013, p. 14), por que foram enviadas ao Colônia? A resposta é simples e consta do próprio livro: “gente que rebelava, gente que se tornara incômoda para alguém com mais poder” (ARBEX, idem).

As relações no Colônia eram, antes de tudo, relações de poder porque o Hospício retratava, no sentido restrito, as relações de poder existentes na sociedade, em sentido lato. Tratava-se de uma instituição controlada por poderosos, em diversos aspectos: os que ditavam que lá iria trabalhar, para onde iriam os corpos, as mínimas condições de existências... Até mesmo QUEM e POR QUE iria para o Colônia era decidido por quem detinha papel de relevo (poder) no sistema que excluía epiléticos, alcoolistas, homossexuais, prostitutas [...].

Por fim, era importante que o aluno reconhecesse, à sua maneira, que as relações no Colônia encobriam sempre aqueles que podiam, com base em seu PODER, influenciar o sistema, determinar o comportamento deste.